

A arte de transformar

Emerson Bianchin, o Misso, em ação para dar à dureza do ferro a função da beleza que é a sua arte

Um caminhão quebra. Vai para a oficina. Lá, a peça defeituosa é substituída por uma nova, enquanto a velha toma seu destino. Se não puder mais ser utilizada na remanufatura, ela tem dois caminhos certos: a reciclagem ou o lixo.

Mas antes disso acontecer existe a chance desta peça inerte e, muitas vezes, inútil ser perpetuada como uma obra de arte. Ela pode ser o encaixe perfeito para o dorso de um elefante, o bocal de um gramofone, o dente de um jacaré ou, quem sabe, o tórax de um menino levado. Isso, se Emerson Bianchin chegar a tempo. O universo bruto das peças automotivas encontra um mundo de beleza e sensibilidade a partir do olhar visionário e das mãos eficientes de Emerson. Ou simplesmente Misso.

Administrador de empresas, empresário, de família tradicional em Jundiá, aos 33 anos, Emerson ainda sonha em viver da arte. Ele tentou, de fato, quando morou na Austrália por três anos e, por um mês, arriscou ganhar dinheiro pintando quadros. Desistiu. "Pensei que nunca mais fosse voltar a ser capaz de fazer essas peças." Mero engano. O tempo fora, tomado por estudos, trabalhos e instinto de sobrevivência amadureceu o sonho de voltar a fazer arte no Brasil. De volta a Jundiá há três anos, ao posto de gasolina que gerencia e ao entorno repleto de estabelecimentos ligados ao meio automotivo, ele se sentiu novamente em casa. E pronto para retomar, do ponto de partida, a arte transformadora de esculpir obras de arte a partir de peças de caminhões, ônibus, automóveis, motocicletas, bicicletas... O ferro-velho é um parque de diversões para Emerson. Ele troca uma caçamba repleta de objetos de plástico por algumas peças de ferro e leva para seu ateliê.

O VELHO EM VIDA



É para uma salinha, no fundo do posto no qual trabalha, que ele vai quase todos os dias depois das 17 horas — e lá fica cerca de duas, três horas — fazendo sua arteterapia. O início se dá sempre a partir da peça matriz, aquela que vai originar a representação de uma forma que será capaz de provar que tudo nesta vida é útil e complementar.

Uma barra de direção mostrou a ele uma grávida sentada confortavelmente no chão. Uma escavadeira disse que queria ser um peixe. Quatro pára-brisas se uniram para dar vida a uma delicada borboleta. O aro de uma bicicleta quis vestir a leve bailarina. Uma trava de câmbio pisca dizendo que não há melhor destino para ela do que se tornar a pálpebra de um touro cubista, que ainda está por vir. "É como um surfista que fica um tempão olhando para o horizonte escolhendo a sua onda. Eu estudo a peça por muito tempo, e quando começo sei onde quero chegar", diz Emerson. Depois de participar de exposições individuais e coletivas na capital e em cidades do interior do Estado, ele se sente seguro para dizer que se considera, sim, um artista.

Tudo começou há cerca de 10 anos, quando foi levar um quadro seu feito em mosaico para participar de um concurso que escolheria a ilustração da capa da lista telefônica da cidade. Ele viu, no ateliê do artista plástico Tao Sigulda, esculturas feitas de peças de ferro, e pensou. "Ei, eu posso fazer isso!". Pediu ao pai que o ensinasse a manipular a máquina de soldar e, no dia seguinte, criou um trator. Não demorou para esculpir um trem, carro de fórmula 1, palhaço, telefone antigo, um robô que tem a sua altura e proporções, cactos, peixes, pássaros, flores... Uma brincadeira despreziosa que só tomou a merecida importância com os resultados que as obras mostravam.

A perfeição dos encaixes e das formas que as peças tomavam, a preocupação em mantê-las todas inteiras, em seu formato original, sem recortes ou torções, a delicadeza que ganhavam e, mais do que tudo, a força de sua expressividade não deixavam dúvidas de que Emerson, mesmo sem qualquer herança artística na família e sempre envolvido num universo profissional tão distante das artes, tinha um talento imperioso.

"Senti em mim um dom, e quis entender o que é arte", conta. Quando retornou da Austrália fez uma pós-graduação em Arte Integrativa, em São Paulo. "A arte não tem explicação, mas ela abre a nossa cabeça. Um dos artigos do psicanalista fala sobre a sensação do poeta ao escrever, sobre o ápice que ele sente dentro do transe que é o processo de criar. E depois disso tudo pára. Não vai mais para frente. Eu me identifiquei com essa sensação."

Hoje, seu trabalho está cada vez mais primoroso. Ao invés das grandes obras, Emerson tem optado por pequenas peças e aproveitado sucata de outras naturezas, como máquinas de escrever e até peças de cadeira de den-



tista. Com elas tem feito, por exemplo, motocicletas com uma perfeição incansavelmente admirável. E como toda obra de arte, nunca uma será igual à outra. "Se as peças tivessem sentimento e pudessem falar, elas agradeceriam para sempre o destino que ganham", diz o artista que gostaria de ver, um dia, uma de suas obras enfeitando uma bela praça na cidade de Jundiá. E diz que, no futuro, irá esculpir obras de arte a partir de ossos de animais. Mas isso é outra história.

*As peças de Emerson Bianchin podem ser vistas no primeiro andar do Paulista Polo Shopping, em Jundiá. E em uma exposição no Museu da Energia de Jundiá a partir do dia 8 de maio.

